

O DITADO ESCOLAR SOB O ENFOQUE HISTÓRICO: UM ESTUDO A PARTIR DE CADERNOS DE CRIANÇAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO (1943-2007)

Eliane Peres
Professora da FaE/UFPel
Doutora em Educação pela UFMG
etperes@terra.com.br

Sylvia Tavares Barum
Acadêmica do curso de Pedagogia
Bolsista de Graduação – PRG/UFPel
sylvinhab@hotmail.com

Resumo: Neste trabalho procuramos problematizar uma das atividades seculares da escola primária: o ditado. A partir de um acervo de 62 cadernos de crianças em fase de alfabetização, do grupo de pesquisa HISALES, estamos organizando um “banco de ditados”, que digitalizados atualmente somam o total de 564 ditados encontrados nos cadernos que cobrem o período de 1943 até os dias atuais. O embasamento teórico vem de autores como Chervel & Manesse (1989), Gvirtz (1999), Hébrard (2001), Chartier (2002, 2007), Mignot (s/d, 2008), Viñao (2008). O estudo aponta para a permanência e a recorrência dessa atividade, ao longo dessas sete décadas, embora há indicações de alguma mudança em sua função.

Palavras chaves: cadernos escolares, ditado, história da alfabetização.

Introdução

Este trabalho é realizado no âmbito de um projeto mais amplo, desenvolvido na Faculdade de Educação da UFPel, e de um grupo de pesquisa (CNPq) que levam o mesmo nome: HISALES (História da Alfabetização, Leitura e Escrita e dos Livros Escolares). O objetivo principal do HISALES é desenvolver estudos sobre história da alfabetização e sobre práticas escolares e não-escolares de leitura e escrita.

Nesse projeto temos feito um esforço para constituir acervos que revelam aspectos da história da alfabetização no Rio Grande do Sul. Já dispomos, entre outros, de uma centena de cartilhas escolares (PERES, 2006), de planejamentos manuscritos de professoras (diários de classe), de exercícios escolares, de cartazes e outros materiais didáticos de alfabetização, além de cadernos de alunos. É a partir

de parte desse acervo que propomos este trabalho. Temos um conjunto de 62 cadernos escolares de crianças em processo de alfabetização pertencentes ao acervo do grupo de pesquisa, recolhidos especialmente, mas não exclusivamente, em Pelotas. Eles se referem ao período que vai da década de 1940 até os anos 2000, sendo que um (01) caderno é dos anos 40, um (01) dos anos 50, um (01) dos anos 60, sete (07) dos anos 70, sete (07) dos anos 80, onze (11) dos anos 90, trinta e quatro (34) dos anos 2000.

Nesta comunicação apresentamos um dos aspectos estudados nesses cadernos: o ditado escolar. Estamos em fase de organização de um “banco de ditados”. Encontramos 564 ditados nos 62 cadernos do acervo. Esses ditados foram agrupados primeiro por décadas e depois pelos anos específicos e foram digitalizados para posterior análise.

Para apresentar este trabalho, em primeiro lugar, problematizamos a questão dos cadernos escolares como fonte de pesquisa; em segundo lugar, apresentamos como estamos constituindo o “banco de ditados” e, por fim, indicamos algumas possibilidades de análise desse material.

1. Cadernos escolares: um *objeto memória*

Como afirmou Chartier (2007, p. 23), considerando que o caderno escolar é, ao mesmo tempo, uma fonte (ou objeto) de investigação “fascinante e enigmática, difícil de tratar e de interpretar, justamente por sua aparente banalidade”, têm-se tentado extrair do material, de forma articulada e comparativa, alguns elementos de análise. Segundo Gvirtz (1999, p. 29) “el cuaderno de clase es uno de los pocos elementos de la práctica escolar que ha sufrido un significativo proceso de naturalización”, procuramos observar esse suporte da escrita, como denomina Hébrard (2001), ou dispositivo escritural, como caracteriza Chartier (2002), ou, ainda, “objeto-memória”, conforme Mignot (s/d), na perspectiva de “desnaturalizá-lo” e problematizá-lo. Trabalhamos também na perspectiva de Viñao (2008, p. 16), que entende os cadernos como uma produção infantil, um espaço gráfico e um produto da cultura escolar.

O estudo de Gvirtz (1999) destaca a relevância do uso do caderno como fonte privilegiada do registro do ensino e aprendizagem escolar. De acordo com a autora, o caderno não é mero suporte físico, pelo contrário é um dispositivo que gera efeitos

na dinâmica da sala de aula, através da interação dos alunos e professores na realização da tarefa escolar, além de um instrumento fortemente normatizado e ritualizado que contempla em sua estrutura o ensinado, o conhecimento do aluno e a sua avaliação.

Segundo Hébrard (2001), o caderno escolar cumpre, também, o importante papel de “apresentar” o trabalho escolar para a família servindo como objeto de controle que ordena e o espaço e o tempo do trabalho na escola.

Entende-se, ainda, como Chartier (2007, p. 23), que os cadernos de alunos introduzem as gerações mais jovens em uma certa cultura escrita. Viñao (2008, p. 17) argumenta que os cadernos escolares “constituem a fonte mais idônea, caso exista, para o estudo do ensino, da aprendizagem e dos usos escolares da língua escrita, ou seja, da alfabetização escolar e da difusão, nesse âmbito, da cultura escrita”. Para Hébrard (2001, p.121), trata-se de “um testemunho precioso do que pode ter sido e ainda é o trabalho escolar de escrita”. Além disso, o autor indica que:

O estudo dos cadernos escolares parece mostrar que, por meio do exercício, passa a acontecer não somente uma técnica do corpo, mas também uma técnica intelectual específica do saber de fazer *gráficos*. Fazer exercícios é aprender a apresentar. É preciso aprender a tomar essa expressão em todos os sentidos. Apresentar, isto é, guiado por uma preocupação constante de limpeza, de boa manutenção, de elegância ingênua ou afetada, fazer do caderno o pequeno teatro do saber escolar (HÉBRARD, 2001, p.137).

Nessa direção é que temos compreendido os cadernos escolares procurado, a partir do acervo disponível, problematizar aspectos do ensino da leitura e da escrita na escola primária em diferentes épocas, do saber escolar, da cultura escolar, da docência, da infância¹, etc. No caso específico dessa comunicação, abordamos a questão do ditado escolar, uma atividade presente nos cadernos ao longo das sete décadas. É óbvio que estamos cientes dos limites dessa fonte-objeto de pesquisa. Se ela é fascinante e enigmática, por um lado, é, também, por outro, difícil e complexa, como apontou Chartier (2007), merecendo, portanto, como todas as outras fontes de pesquisa, a sempre necessária “vigilância historiográfica”. Os

¹Já desenvolvemos outro estudo com o mesmo acervo, porém com outro foco. Ver PERES, Eliane. Marcas da infância em cadernos escolares de crianças em processo de alfabetização. In: MIGNOT, Ana C. V. (org) *Não me esqueça num canto qualquer*. Rio de Janeiro: Laboratório Educação e Imagem, 2008.

cadernos apontam tão somente indícios (GINZBURG, 2007) de uma determinada cultura escolar em geral, e aspectos das formas de inserção das crianças na cultura escrita, em específico. Cientes desse limite, mas convencidas da potencialidade e da possibilidade de problematização desse “objeto-memória” é que temos trabalhado. Primeiro, na própria constituição desse acervo, tarefa não menos “nobre” e penosa na pesquisa; segundo, em um processo de aprendizagem de *como* e o *quê* é possível extrair desse material. Nesse sentido, não é somente a fonte de pesquisa que é “nova”, é a própria prática historiográfica que se renova. É preciso reaprender a formular perguntas, construir referenciais, categorias e respostas, nem que sejam temporárias. Nesse sentido, consideramos a hipótese que trazemos nessa comunicação como provisória: a atividade do ditado é recorrente nos cadernos; alguns indícios, contudo, apontam para uma mudança em seu sentido. É isso que indicamos a seguir.

2. O ditado escolar: mesma atividade, sentidos diferentes?

(...) Como se espantar com o fato de que, apesar de todas as críticas, o ditado tenha sobrevivido a todas as reformas pedagógicas até o século XXI? (Chartier, 2007, p. 34).

(...) La dictée passe aujourd’hui pour l’exercice le plus traditionnel de l’école primaire, et le plus symbolique. (Chervel e Manesse, 1989, p. 129)

O clássico estudo de Chervel & Manesse, *La Dictée: Les français et l’orthographe, 1875-1987* (1989), indica que, desde o século XIX, alguns inspetores gerais usam o ditado como forma de avaliação em grande escala a fim de testar o nível dos alunos e a competência dos professores. Segundo Chartier (2007, p. 33), “nessa época, o ditado torna-se um exercício habitual para aprender a ortografia francesa”.

Nesse período, século XIX, ainda segundo Chartier (2007, p. 35), “por meio do ditado, o francês estava em vias de se tornar uma língua ‘sagrada’, intocável. A era do latim terminara”. Para a autora, o ditado permitia a verificação da excelência ortográfica em francês e, mais do que isso, “através da ortografia, toda a cultura primária era julgada” (p. 35).

O ditado, indica a autora, ao lado do problema de aritmética, era um exercício que poderia ser executado coletivamente de forma padronizada e corrigido

objetivamente verificando os erros imediatamente. Além disso, a habilidade gráfica dos alunos também poderia ser avaliada. Para o professor, o exercício era “muito cômodo”. Havia, segundo Chartier (2007), uma finalidade clara, ou seja, o controle da correção ortográfica. Além disso, sempre foi um exercício que “mobilizava a atenção geral, instalava um grande silêncio na sala, durava exatamente o mesmo tempo para todo mundo, os alunos corrigiam eles mesmos sob o controle do mestre e a nota vinha imediatamente” (2007, p. 34).

Por fim, para Chartier (2007, p. 35), “a história do ditado mostra que não é somente o desempenho dos alunos que está em questão. Se esse exercício, apesar de modesto, se tornou um ritual tão consagrado, é porque ele manifesta certa concepção da cultura escrita (...)”. É assim que temos percebido os ditados nos cadernos em questão. Primeiro, apresentamos o acervo de cadernos e ditados por décadas, a seguir por anos, para posterior problematização dessa atividade:

Tabela 1
Acervo de cadernos e ditados por décadas

DÉCADAS	Nº DE CADERNOS	Nº DE DITADOS
1940	1	1
1950	1	0
1960	1	4
1970	7	34
1980	7	130
1990	11	143
2000	34	252
TOTAL	62	564

Tabela 2
Acervo de cadernos e ditados por anos

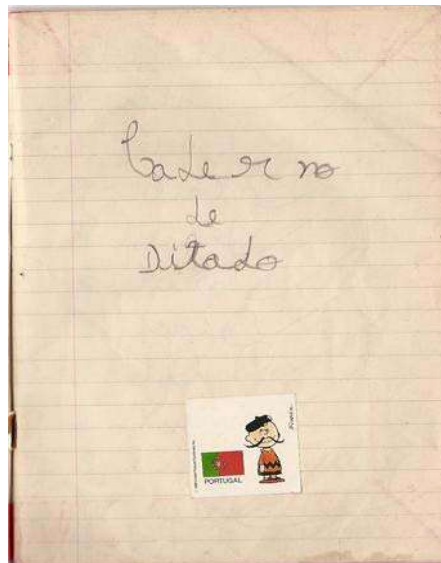
ANO	Nº DE CADERNOS	Nº DE DITADOS
1943	1	1
1958	1	0
1960	1	4
1970	2	8
1974	2	16
1976	1	2
1979	2	8
1980	2	5

ANO	Nº DE CADERNOS	Nº DE DITADOS
1985	3	52
1986	1	52
1987	1	21
1990	2	53
1991	2	44
1995	1	5
1996	2	32
1998	1	2
1999	3	7
2000	2	34
2001	2	3
2002	2	16
2003	4	5
2004	1	0
2005	4	21
2006	4	22
2007	15	151
TOTAL	62	564

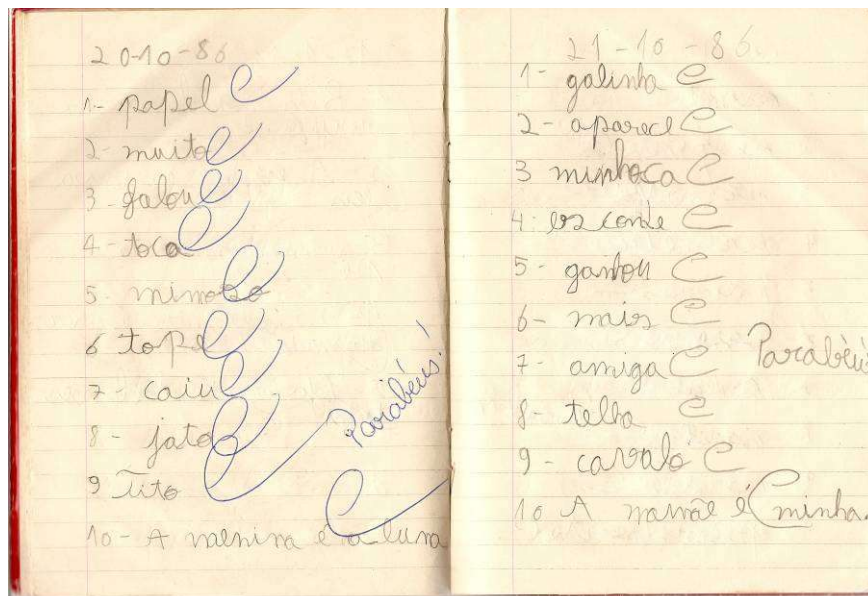
Ao longo das sete décadas, o ditado aparece sob diferentes formas, nomenclaturas e com diferentes tipos de correções. Aparece apenas como “ditado”, no qual o aluno provavelmente, via de regra, escreve a palavra ditada oralmente; como “auto-ditado”, devendo identificar a figura colada em seu caderno e escrever a palavra correspondente; na forma de “ditado de frases”, quando é ditada a sentença inteira; como “ditado mudo”, provavelmente a partir da visualização de imagens, gravuras, figuras feitas pela professora ².

Um dos cadernos do acervo, datado de 1986, é exclusivo para ditado, e há 52 registrados, todos do 2º semestre letivo. É de um menino e não apresenta registro de cidade ou escola. O primeiro ditado é datado de 07/08/1986 e o último de 21/11/1986. Apresentam correção à caneta (feita pela professora) até a data de 20/10/1986, depois disso, a correção passa a ser feita pelo aluno e inclusive apresenta elogios escritos por ele próprio quando o ditado se apresenta totalmente correto.

² Há, ainda, o “ditado de números”, exercício que não contemplamos nesse estudo.



Caderno 1986, acervo HISALES.



Caderno 1986, acervo HISALES.

A partir de 13/08/1986 o caderno apresenta também ditados de frases, sendo eles em menor quantidade que os de palavras. No caso de palavras, eram sempre ditadas 10, e no caso de frases 5. Em quatro ocasiões foram ditados palavras e frases conjuntamente (5 palavras e 5 frases).

Quanto aos acertos e erros, o caderno em questão apresenta um total de 36 ditados corrigidos pela professora, sendo eles 27 ditados de palavras, 6 ditados de frases e 4 ditados de palavras e frases. Nos ditados de palavras foram escritas um total de 270, sendo que 17 estavam incorretas. Nos ditados de frases foram escritas 35 frases, sendo 6 delas parcialmente corretas.

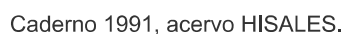
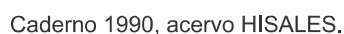
A correção varia, há o tradicional certo (c) e errado (x), além dos recadinhos como, por exemplo, “Parabéns!”, “Muito Bom!”, “Legal”, etc.

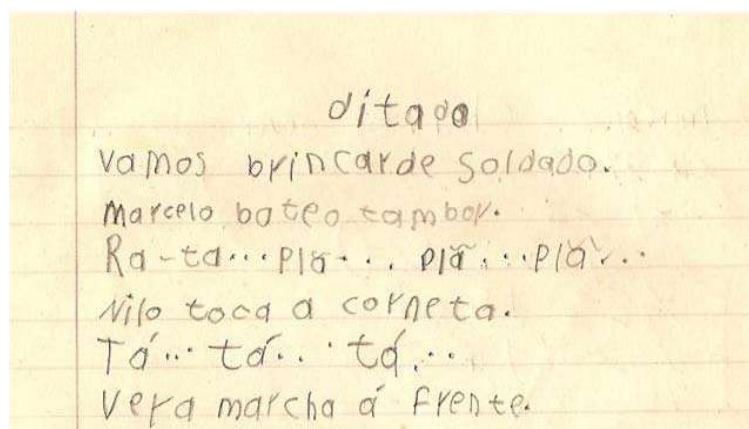
Nos cadernos há formas diferentes de correção. Palavras incorretas são copiadas pela professora à caneta nas linhas seguintes e o aluno repete várias linhas (encher linha); há casos de a professora completar a caneta a letra que falta ou que está incorreta sob a própria escrita do aluno ou reescrever toda palavra sob a registrada incorretamente pelo aluno.

Nos cadernos da década de 1990 e em grande parte dos da década de 2000, o uso do mimeógrafo transformou não só a composição do caderno, mas também transformou o “suporte” do ditado. Aquilo que antes era escrito nas linhas do caderno, a lápis, a partir desse período passa a ser também escrito em folhas avulsas mimeografadas, muitas delas com desenhos que são pintados pelos alunos, com detalhes em canetas coloridas, e, posteriormente, coladas no caderno.

Mas o que mais chamou a atenção, e é o principal elemento que queremos destacar, problematizar e, futuramente, aprofundar é justamente aquilo que Chartier (2007) destaca: o quanto o ditado manifesta uma certa concepção da cultura escrita, mas especificamente uma concepção de ensino da leitura e da escrita. Para isso tomamos alguns exemplos.

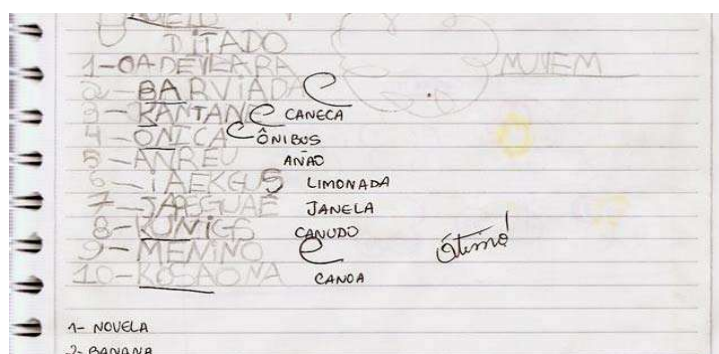
A grande maioria dos ditados levantados no “banco de ditados” é de palavras isoladas, em grande parte de lições estudadas. A análise dos cadernos aponta para a predominância do uso do “método silábico” de alfabetização. Ao final de cada lição há, portanto, o ditado referente à “família silábica” estudada no dia ou na semana, indicando a relação entre a perspectiva de alfabetização e a realização de exercícios.


UNISINOS



Caderno 1960, acervo HISALES.

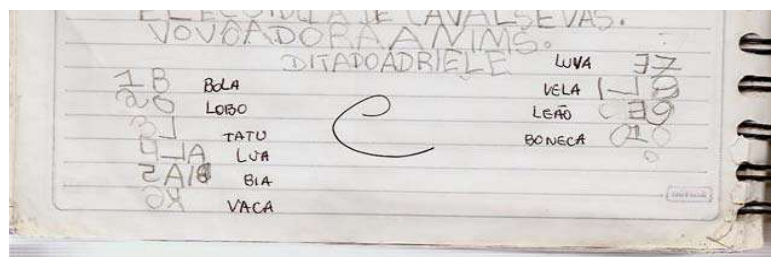
Os cadernos dos anos 2000 indicam uma predominância da tendência construtivista de alfabetização (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985). Tomamos um caderno do ano de 2007, de uma menina, aluna de uma escola pública da cidade de Pelotas, para exemplificar isso:



Caderno 2007, acervo HISALES

Ao que tudo indica, o ditado serve menos para avaliar o controle da correção ortográfica e mais para que as professoras identifiquem os níveis de compreensão da língua escrita das crianças (pré-silábico, silábico, silábico-alfabético, alfabético), de acordo com a psicogênese da língua escrita (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985). Veja-se que no exemplo acima a professora considera acerto no caso em que pelo menos a primeira sílaba da palavra foi grafada corretamente e mesmo havendo várias incorreções o resultado é avaliado como “Ótimo!”. Essa maneira de fazer, corrigir e considerar o ditado é visível em todo o caderno, que tem um total de 24 ditados.

Nesse caderno de 2007 percebe-se que logo nos primeiros dias de aula a professora já faz um ditado, sem se preocupar com o fato de ter “passado a lição ou não”, indicando para o interesse em saber *o quê* e *como* a criança escreve:



Caderno 2007, acervo HISALES.

Nesse sentido, o tradicional exercício da escola primária mantém-se, mas o seu principal objetivo altera-se, o da avaliação ortográfica.

Considerações finais

Esse estudo está em fase inicial, mas já revela grande potencialidade para a compreensão das formas historicamente instituídas de inserção das crianças na cultura escrita. Os cadernos do acervo indicam que houve significativas mudanças desse suporte, tanto do ponto de vista da materialidade do objeto (tamanho, capa, gravuras, etc), quanto da proposta pedagógica de alfabetização. Do método global ao “método silábico”, à perspectiva construtivista, esses objetos registram a própria história dos “métodos” de alfabetização no Brasil.

Especificamente em relação ao ditado, atividade que se mantém ao longo do período de abrangência dos cadernos (1943-2007), há uma estreita relação entre os métodos ou perspectivas de alfabetização e a forma de realização do ditado. Além disso, em alguns casos, os cadernos dos anos 2000 indicam para uma mudança no sentido do ditado: serve menos para a avaliação ortográfica e mais para a identificação dos níveis de compreensão da língua escrita, na perspectiva dos estudos da psicogênese da alfabetização (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985). Esses dados merecem maior aprofundamento e problematização.

Referências

CHARTIER, Anne Marie. Um dispositivo sem autor: cadernos e fichários na escola primária. *Revista Brasileira de História da Educação*. Nº 3. Campinas, SP: Autores Associados, janeiro/junho, 2002.

CHARTIER, Anne Marie. Exercícios escritos e cadernos de alunos: reflexões sobre práticas de longa duração. In: CHARTIER, Anne Marie. *Práticas de leitura e escrita*. História e atualidade. Belo Horizonte: Autêntica. CEALE. Coleção Linguagem e educação, 2007.

CHERVEL, André & MANESSE, Danièle. La dictée. Les français et l'orthographe. 1873-1987. Paris: INRP, Calmann-Lévy, 1989.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. Morfologia e história. 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GVIRTZ, Silvina. *El discurso escolar através de los cuadernos de clase*. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires, 1999.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX e XX). In: *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas/SP: Editora Autores Associados, nº 1, p.115- 141, jan. / jun. 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Cadernos à vista: Escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Um certo objeto-memória: apontamentos sobre cadernos escolares. s/d Disponível em <http://www.lab-eduimagem.pro.br/frames/seminarios/pdf/commig.pdf>

PERES, Eliane & CEZAR, Thais Moreira. A divulgação e a adoção do Método global de ensino da leitura no Rio Grande do Sul (1940-1970). *Anais do IX Encontro Sul-riograndense de pesquisadores em História da Educação: História da Educação, Literatura e Memória*. Porto Alegre, ASPHE, junho de 2003.

PERES, Eliane & PORTO, Gilceane. A produção e a circulação de cartilhas do Método global de ensino da leitura no Rio Grande do Sul (décadas de 40-70). In: LEAHY-DIOS, Cyana (org). *Espaços e Tempos de Educação* (Ensaio). C.L. Edições. Brazilian Studies Associations (BRASA), Núcleo de Trabalhos e Estudos em Educação, 2004.

PERES, Eliane. Desenvolvimento do Projeto de Pesquisa *Cartilhas Escolares em Pelotas (RS): organização do trabalho, fontes e questões de investigação*. In: FRADE, Isabel C.S. & MACIEL, Francisca I.P. *História da Alfabetização*:

produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT, Séculos XIX e XX). Belo Horizonte: CEALE, FAPEMIG, CNPq, 2006.

VIÑAO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Cadernos à vista: Escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.